

DENIS REZNIK
Pripjat-Chernobyl (detail),
2013



VOZES DE TCHERNÓBIL:

a história oral do desastre nuclear

CAROLINA CARNEIRO LIMA*

LUCAS EMANUEL GOECKING LIESNER DE SOUZA**

RESUMO A resenha analisa criticamente o livro *Vozes de Tchernóbil*, da jornalista Svetlana Aleksievitch. A obra é construída com base em pesquisa de história oral com os sobreviventes do acidente nuclear ocorrido na Ucrânia em 1986, e promove reflexões acerca do acontecimento. Descreve o comportamento da população, do governo, dos envolvidos, de forma a desencadear conjecturas, para além das denúncias contidas no texto, sobre os caminhos que devem ser observados doravante no que se refere à geração de energia como necessidade social. Ou seja, como produzi-la na atualidade? O texto oferece margem para fazer uma separação entre as falhas humanas, a falta de informação e as lesões aos cidadãos e a geração de energia nuclear, fazendo-nos concluir que a diligência das ações e o respeito ao Estado de Direito seriam um promissor recomeço.

PALAVRAS-CHAVE Acidente nuclear. Tchernóbil. Direito à informação.

VOICES OF TCHERNÓBIL: the oral history of the nuclear disaster

ABSTRACT The review critically analyzes the book by the journalist Svetlana Aleksievitch - "Voices of Tchernóbil". The work is built on oral history research with survivors of the nuclear accident in Ukraine in 1986, allowing for objective and subjective reflections. It describes the behavior of the population, of the government, of those involved, allowing reflections on the paths that must be observed hereafter, beyond the denunciations in the text - the generation of energy is a fact and social need, how to produce it today? The text separates human failures, lack of information and injuries to citizens; from nuclear power itself, leading us to conclude that the diligence of actions and respect for the rule of law would be a promising restart.

KEYWORDS nuclear accident; Tchernóbil; right to information.

* Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Puc Minas), especialista em Direito Público pela Universidade Cândido Mendes e mestre em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Escola Superior Dom Helder Câmara (ESDHC) - carolcarneirolima@yahoo.com.br

** Graduado em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara (ESDHC), pós-graduado em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Puc Minas) - lkemanuel@hotmail.com

Vozes de Tchernóbil foi publicado originalmente em língua russa no ano de 1997, ou seja, onze anos após o maior acidente nuclear da história mundial. Trata-se de uma coletânea de depoimentos, em entrevistas de história oral, realizadas com sobreviventes e testemunhas do ocorrido à 1h23m58s do dia 26 de abril de 1986 no prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) da cidade de Tchernóbil, Ucrânia, localizada próximo à fronteira com a Bielorrússia. O livro foi vencedor do prêmio National Book Critics Circle de obras de não ficção na categoria geral. No Brasil, foi editado no trigésimo ano a contar da ocorrência dos fatos em Tchernóbil. Tem 383 páginas, e, na composição de sua capa, foi utilizada uma foto de Robert Poliodoro em uma sala de aula em Pripyat, no ano de 2001. A tradução do texto original em russo é de Sônia Branco, com revisão de Jane Pessoa e Angela das Neves.

O livro é organizado em dez capítulos, uma nota histórica e um apêndice. Inicia-se com a seção “Nota histórica”, constituída de trechos sobre Tchernóbil publicados formalmente por variadas fontes, e se finda com o apêndice intitulado “A batalha perdida”, que apresenta a transcrição do discurso proferido pela autora, em 7 de dezembro de 2015, na cerimônia do prêmio Nobel de Literatura ocorrida na Academia Sueca, em Estocolmo.

Os capítulos de desenvolvimento trazem a organização de todo o material coletado pela autora e “destilam a voz da memória para transformá-la numa forma de literatura” (FIGES, 2016). São depoimentos de mulheres, crianças, soldados, liquidadores e profissionais que tiveram a vida transformada pelo evento de Tchernóbil. São histórias orais, descrições da vida real, reproduzidas pela autora. Segundo Figes (2016), apresentam-se sob a forma de monólogos e estão menos preocupadas com o registro dos acontecimentos do que com os sentimentos dos entrevistados, isto é, a maneira pela qual a vida interior das pessoas foi moldada por esses eventos históricos.

O primeiro e o último capítulos intitulam-se “Uma solitária voz humana” e marcam a forma como o livro foi construído. Deixa claro não ser um estudo sobre a política pública da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS ou sobre a geração de energia nuclear, mas sobre as pessoas impactadas por todas as decisões

político-governamentais, por todas as tecnologias colocadas à disposição da população, pela defesa do direito à informação, à dignidade e à sustentabilidade da vida. Apresentam-se dados objetivos sob a ótica subjetiva de duas sobreviventes, de duas pessoas, até então com vidas comuns, que se dispuseram a falar – uma é Liudmila Ignátienko, viúva de um bombeiro que foi um dos primeiros a chegar ao local onde, a princípio, havia apenas um incêndio, não tendo sido alertado das explosões e da radiação; a outra é Valentina Timofiévna Apanassiévitch, esposa de um falecido liquidador.

A primeira não abandonou seu marido mesmo ouvindo frases dos médicos e enfermeiros acerca da gravidade de seu estado – “[...] isso que está na sua frente não é mais o seu marido, a pessoa que você ama, mas um elemento radioativo com alto poder de contaminação”. Em outros momentos, escutou “você é jovem. O que está inventando? Isso já não é um homem, é um reator nuclear. Vão queimar os dois” (p. 28-29). A entrevista de Liudmila se inicia com uma dúvida que se vê presente em diversas declarações no mesmo livro: “não sei do que falar... da morte ou do amor? Ou é a mesma coisa? Do quê?” (p. 16) e conclui dizendo: “mas eu falei de amor... De como eu amei” (p. 38).

A segunda senhora, Valentina, viu seu marido retornar do trabalho em Tchernóbil e morrer acometido por diversas enfermidades, juntamente com seus colegas de profissão – “restou-nos ainda um ano. Durante esse ano, ele foi morrendo aos poucos. Piorava a cada dia e sabia que os seus companheiros estavam morrendo, nós já vivíamos com isso. Com essa espera” (p. 355). A doença foi desfigurando seu corpo e seu rosto – “você me perguntará como morrem depois de Tchernóbil. Um homem que eu amava, que queria de uma maneira que não poderia ser maior se eu mesma o houvesse parido, esse homem se converteu diante dos meus olhos num... num monstro” (p. 355).

O segundo capítulo apresenta a justificativa da própria autora por ter escrito o livro. Afirma que conheceu o homem pré-Tchernóbil e aquele que se converteu no homem de Tchernóbil, dedicando-se, nessa obra, à história omitida ou que se perde na passagem do tempo. Esclarece que nada é ordinário no desastre nuclear retratado e que, para as pessoas, Tchernóbil não é “uma metáfora ou um símbolo, mas sua casa”. Conclui que “quantas vezes a arte ensaiou o Apocalipse, experimentou diversas versões tecnológicas do fim do mundo, mas agora sabemos com certeza que a vida é mais fantástica ainda” (p. 40).

Os outros seis capítulos reafirmam, cada um sob a ótica de seus representantes (os soldados, o povo e as crianças), o amor pela terra, pelos animais, pela paisagem, pelas pessoas que pereceram em decorrência dos efeitos do desastre nuclear, pelo modo de vida que levavam até aquele dia de abril do ano de 1986. Fala-se da vida antes e depois desse evento marcante “você vive como uma pessoa normal. [...] E de repente, de um dia para o outro, você se torna um homem de Tchernóbil. Um animal raro!” (p. 65).

O acidente gerou dor e sofrimento, mas, sobretudo, ocasionou a incerteza sobre verdades e valores até então bastante sólidos: “a imagem que eu tinha da central nuclear era totalmente idílica. Na escola e no instituto nos ensinavam que eram fantásticas fábricas que produziam energia tirada do nada, onde trabalhavam pessoas de jalecos brancos que apertavam botões” (p. 257). As pessoas não tinham “a menor ideia de que o átomo de uso pacífico também matava” (p. 242). A visão difundida pelo governo e pelos meios de comunicação relatava a completa segurança das centrais atômicas “que poderiam ser construídas até na Praça Vermelha, junto ao Krémelin. Mais seguras que um samovar” (p. 132).

A realidade vivenciada pelos indivíduos atingidos pelo acidente é descrita como uma guerra, mas dela difere-se. Segundo um soldado: “ao regressar do Afeganistão, eu sabia que iria viver! Mas Tchernóbil é o contrário: você morre justamente quando já está em casa. Voltei. Mas tudo está só começando...” (p. 110). Outro diz que, quando regressou para casa, jogou todas as roupas usadas no lixo, mas por insistência do filho, deu-lhe o barrete – “pegou e não largou mais. Depois de dois anos, veio o diagnóstico: tumor de cérebro” (p. 108) e não mais conseguiu falar na entrevista concedida à autora.

As crianças, protegidas pelos ordenamentos jurídicos nacionais, por normas internacionais e único futuro da humanidade são uma realidade particular, igualmente não poupada nesse cenário. Sofrem as consequências da exposição à radiação e do preconceito das pessoas. Sabem melhor que as mães o nome dos tratamentos e diagnósticos, mas continuam brincando e acreditando na vida, ainda que com as dificuldades impostas – “eu vejo nossos filhos: onde quer que estejam, são rejeitados. Espantalhos vivos. Alvos de zombaria. No acampamento dos pioneiros, onde uma vez a minha filha esteve, tinham medo de tocá-la: ‘vaga-lume de Tchernóbil; ela acende no escuro’” (p. 291). Nos hospitais, um pediatra descreve que brincam nos corredores “correm pela enfermaria uma atrás da outra e gritam: ‘eu sou a radiação! Eu sou a radiação!’ Quando

elas morrem, o rostinho me parece tão surpreso... tão perplexo... jazem na cama com uma expressão de tal assombro...” (p. 234).

Tudo foi eliminado e enterrado, só as pessoas foram removidas e passaram a viver em outros lugares. Enterrava-se a terra com a própria terra. Um engenheiro químico, doutor em ciências químicas, descreve que a pá era o objeto de trabalho mais usado para retirar os destroços, para cavar e para enterrá-los – pergunta a si próprio: “e como me utilizaram? Põem nas minhas mãos uma pá. Esse foi praticamente o meu único instrumento. Foi aqui que nasceu o aforismo: contra o átomo, a pá” (p. 247).

O epílogo, por sua vez, com um texto bem curto, de duas páginas, deixa claro o inconformismo da autora com a transformação do cenário descrito ao longo do livro em objeto e atração turística. As informações descritas e reproduzidas no livro foram obtidas de materiais jornalísticos bielorrussos – “o ponto alto da viagem ou, como assinala a propaganda, ‘a cereja do bolo’, é a visita ao ‘Abrigo’, nomeado mais propriamente de sarcófago. [...] Visitem a Meca nuclear. A preços módicos” (p. 365-366).

A obra *Vozes de Tchernóbil* é importante referencial para todo cidadão interessado em leituras históricas e em compreender a trajetória humana sobre a Terra. Trata-se, entretanto, de uma leitura e um estudo essencial para os profissionais do Direito, principalmente aqueles vinculados ao Direito Público, pois organiza e tutela tudo que aconteceu e poderia ter sido evitado, assim como pondera as consequências dos fatos para a dinâmica ambiental, para o Direito de Energia, para os Direitos Humanos, entre outros ramos.

Não se pode desconectar a energia elétrica da vida na atualidade, tampouco é possível eliminar a fonte nuclear para a sua geração. Estamos em outra realidade tecnológica e em outra concepção político-governamental, ao menos de maneira declarada. Se naquele momento existia um regime totalitário na URSS, e as democracias eram elitistas, hoje não se pode conceber um conceito de democracia que não se pautar na ideia da universalidade (COUTINHO; MORAIS, 2016). Assim, hodiernamente, os fatos concretos envolvidos na produção de energia nuclear encontram padrões diversos que possibilitam aplacar o medo com informação e com licenciamentos ambientais bem presididos na conformidade dos princípios do desenvolvimento sustentável, da precaução e da prevenção.

A informação é base para a cidadania e para a participação democrática. Segundo Paulo Affonso Leme Machado, o “desinformado é um mutilado cívico. Haverá uma

falha no sistema democrático se uns cidadãos puderem dispor de mais informações que outros sobre um assunto que todos têm o mesmo interesse de conhecer, debater e deliberar” (2006, p. 50). O que se verifica na maioria das entrevistas do livro-tema é uma total desinformação, desde as características da energia produzida até a maneira de evacuação da área e a melhor forma de proteger-se. Fica patente que se buscou a evolução tecnológica a qualquer custo sem observar um mínimo de critérios de prevenção para que o desenvolvimento pretendido fosse sustentável.

Nesse aspecto, criou-se uma celeuma entre confiar e continuar no caminho do desenvolvimento ou recuar pela assunção, em seu mais alto grau, do princípio da precaução. Uma doutora em ciências agrícolas mencionada no livro sustenta: “estou defendendo a ciência, estou demonstrando que o culpado por Tchernóbil não é a ciência, e, sim, o homem. Não é o reator, mas o homem. Não posso responder por questões políticas. Não é a mim que você deve dirigi-las” (p. 204).

O ponto adequado é a prevenção, por meio de estudos de impacto, procedimentos de licenciamento ambiental e audiências públicas, realmente participativas, para que as questões possam ser discutidas e deliberadas democraticamente. Barrar a evolução simplesmente pelo medo, sob o subterfúgio de precaução, é tolher a ciência, a sagacidade e a genialidade humana em prol de conquistas boas para a humanidade. Para Luc Ferry “o medo nos torna tolos e maus, incapazes de pensar livremente, ou de nos abrir ao outro” (2015, p. 11).

A energia nuclear precisa ser redimida na sociedade. A energia elétrica é um mínimo existencial, é dignidade humana, é bem-estar social. Trata-se, portanto, de bem jurídico do qual a sociedade não ficará distante,

[...] pois eu sou a favor do progresso! Da ciência! Porque nenhum de nós hoje pode renunciar à luz elétrica. Estão fazendo comércio com o medo. Vendem medo de Tchernóbil porque já não temos mais nada que vender no mercado internacional. Esta é a nossa nova mercadoria: vendemos o nosso sofrimento (p. 206).

É necessário observar que as externalidades negativas da tecnologia nuclear já são controladas, e seus efeitos, mitigados. Há que se esclarecer e iniciar a abertura para as possibilidades existentes. A história mostrou – e o livro também – que o desastre foi gerado pelo homem, em razão da sua negligência ou do seu menosprezo pelos riscos. Não houve falha técnica. Falhou o próprio homem com seu semelhante.

Obviamente, o crescimento tecnológico e as inovações, mesmo que boas notícias, são tudo “exceto um longo rio tranquilo”, mas a “síntese inovadora” é um momento mágico de relevante progresso (FERRY, 2015, p. 22-25) que precisa ser comemorada. A coletividade não pode fechar-se, precisa permanecer aberta ao novo, ao diálogo e ao exercício da cidadania, pois assim terá capacidade decisória e não apenas medo e opinião.

A estrutura formal do texto é metodologicamente adequada para possibilitar uma interpretação (hermenêutica) aberta para as diversas ciências e para as mais variadas percepções. Trabalha a subjetividade, elemento essencial e identificador do ser humano, sem olvidar os aspectos objetivos que precisavam ser descritos e abordados. Fala de homens e mulheres, mas igualmente dos animais e das paisagens. Não se esquece dos prédios militares, das casas, das escolas, estruturas de concreto abandonadas e que ainda mantêm em si vestígios das vidas que ali foram vividas: “na nossa aldeia deixaram três cemitérios: em um, descansam as pessoas, é o mais velho; em outro, os cachorros e gatos que tivemos que abandonar e que fuzilaram; no terceiro, as nossas casas. Eles enterraram até as nossas casas...” (p. 228).

Tal característica é marcante no trabalho da autora, que busca na técnica da fonte oral, em sentido estrito, história oral (MEIHY; HOLANDA, 2007), o sustentáculo para as pesquisas e para a identidade do povo de Tchernóbil.

O livro possibilita um olhar multitudinário sobre o cenário em enfoque, percepção característica dos juristas atentos ao cidadão e ao meio que os cerca, pois é esse o ponto de partida em qualquer seara jurídica. Por esse motivo, a opção pela fonte oral para coleta das informações mostra-se tão útil à análise da ciência do Direito.

A “História oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto. Não é apenas a entrevista ou outra fonte oral que marca a história oral” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.15). Trata-se, sempre, de um compêndio vastamente elucidativo dos fatos, como na obra em enfoque que trabalha uma das questões mais nevrálgicas da história contemporânea.

Uma questão fica explícita: como caminhar, doravante, com as necessidades, o crescimento populacional e a evolução tecnológica? Precisa-se de sapiência e políticas públicas adequadas para promover igualmente o crescimento social. A evolução científica é benéfica para as pessoas se for baseada no discernimento, se ceder espaço para a participação democrática, com direito a acesso amplo às informações. O livro mostra

que a tecnologia não se desenvolve por si só. O ponto central é o ser humano, objetiva e subjetivamente.

Essa obra literária foi desenvolvida pela escritora Svetlana Aleksíévitch, que nasceu em 23 de novembro de 1948 na Ucrânia. Graduiu-se em jornalismo na Universidade Minsk e escreveu seus livros e textos em língua russa. Foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura em 2015, passando a ser mais conhecida em diversos países do mundo. Acredita-se que o obstáculo à difusão de seus trabalhos no Brasil tenha sido a língua em que foram editados, mas, após o prêmio, esse empecilho se tornou menor.

Svetlana Aleksíévitch é autora de outros livros, como *A guerra não tem rosto de mulher*, editado em 1985, que descreve a Guerra Patriótica de 1941 a 1945; *Garotos de Zinco*, publicado em 1989, que aborda a guerra do Afeganistão. Após a conquista do Nobel de Literatura, escreveu *O fim do homem soviético*, em que fala sobre o colapso do sistema soviético e como as vidas foram afetadas por ele. Todas as suas obras são oriundas de entrevistas de história oral, cujas informações colecionadas e organizadas testemunham, com uma expressiva carga emocional e de fidedignidade, a realidade vivida pelas pessoas do próprio local onde ocorreram os eventos históricos relatados. Essa é a marca da autora em seus trabalhos que se constituem numa maneira de mostrar ao leitor uma face ou algumas faces reais da história.

Referências

- ALEKSIEVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. Tradução de Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 383p. Título original: Чернобыльская молитва: Хроника будущего.
- COUTINHO, Carlos Marden Cabral; MORAIS, Jose Luis Bolzan de. Direito fundamental ao meio ambiente como elemento constitutivo da democracia. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 12, n. 25, p. 173-198, jan./abr. 2016.
- FERRY, Luc. **A inovação destruidora**: ensaio sobre a lógica das sociedades modernas. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 119 p. Título original: L'Innovation Destructrice.
- FIGES, Orlando. A nova história de Svetlana Aleksievitch: um quadro sombrio da Rússia contemporânea. **Revista Piauí**, São Paulo: Abril, ano 10, n. 122, s/p, 2016. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-historia-de-svetlana-aleksievitch>>. Acesso em: 4 jun. 2017.
- MACHADO, Paulo Affonso Leme. **Direito à informação e meio ambiente**. São Paulo: Malheiros, 2006. 288 p.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fábíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. 175p.